

Veículo: *Valor Econômico*

Data: 08/04/2005

Autor: Fernando Henrique Cardoso

Um diálogo com Dominique Moisi

Conheci Dominique Moisi no ano passado, durante um jantar na residência do embaixador do Brasil em Paris, Sérgio Amaral. Impressionaram-me, desde o primeiro contato pessoal, a sofisticação dos argumentos e a clareza deste que é, reconhecidamente, um dos melhores analistas europeus das relações internacionais.

Conselheiro especial do IFRI (Instituto Francês de Relações Internacionais), autor de vários livros e numerosos artigos que foram publicados nos mais prestigiosos jornais do mundo, Moisi esteve recentemente em São Paulo, para um encontro promovido pelo Instituto Fernando Henrique (iFHC) dentro de seu programa de atividades.

Foi a primeira visita de Moisi ao Brasil, país com o qual estava, ao mesmo tempo, intrigado e encantado. Queria ouvir, reunir mais elementos para poder entender nossa complexa realidade. Mas também falou, com a habitual desenvoltura, sobre o cenário político mundial.

De sua fala, que não qualificaria de sombria, mas cujo tom esteve longe do otimismo fácil com que muitos analistas observam o mundo de hoje, destaco dois comentários. O primeiro é que o segundo mandato do presidente americano George W. Bush, no que diz respeito à política externa, deve ser ainda mais duro, ainda mais unilateral do que o primeiro. Não nos deixemos, segundo ele, enganar pelas formas.

O charme e os sorrisos da sua nova secretária de Estado, Condoleeza Rice, e do próprio presidente Bush em sua recente turnê européia, não devem ser tomados como um desejo de recompor a fraturada relação transatlântica à custa de abandonar ou de atenuar as posições americanas no Oriente Médio ou no combate ao terrorismo. Pelo contrário, Bush se sente legitimado pelas urnas, e as posições dos EUA serão ainda mais ortodoxas

dentro do messianismo de direita voltado para "espalhar democracia e liberdade" no mundo.

A nomeação de "falcões" como Paul Wolfowitz para o Banco Mundial e John Bolton para a representação na Organização das Nações Unidas (ONU) seriam os verdadeiros sinais do que será o segundo mandato do presidente Bush no front externo.

O segundo comentário de Moisi foi de um certo ceticismo em relação ao avanço da integração europeia. Para ele, chegou-se a um impasse no processo pela busca simultânea de um aprofundamento vertical da integração, com a adoção de uma Constituição europeia, e da incorporação horizontal de membros vindos do Leste europeu. A seu ver, há uma certa fadiga, quando não desencanto, na população dos diferentes países quanto aos benefícios de maiores níveis de integração. O teste decisivo será o plebiscito na França sobre a nova Constituição, marcado para o mês que vem.

Foi, em suma, um prazer poder receber Dominique Moisi. O iFHC dará seguimento a esta iniciativa trazendo ao Brasil, no futuro próximo, outros analistas de renome internacional. Já não podemos prescindir, entre nós, nos tempos atuais, da diversidade de visões sobre um mundo cada vez mais interligado e complexo.